



**SUPERINTENDÊNCIA  
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

[www.suframa.gov.br](http://www.suframa.gov.br)

# **Clipping Local Mídia Impressa**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, quinta-feira, 14 de fevereiro de 2013

A CRITICA Sim & Não .....	1
OPINIÃO	
A CRITICA Multinacionais .....	2
ECONOMIA	
DIÁRIO DO AMAZONAS Indústria enfrenta aumento de preços das matérias-primas .....	3
ECONOMIA	

## Sim & Não

**CBA** Na área do Centro de Biotecnologia da Amazônia, na página da Suframa na Internet, os “destaques” mais recentes são de fins de 2010. Esse é o centro que faria o salto do modelo industrial para o pós-industrial e que garantiria o futuro da nossa economia.

## Multinacionais

# Menos dividendos enviados ao exterior

Está acontecendo isso no setor automotivo, suplantado pelo de bebidas

Pela primeira vez em oito anos, as montadoras instaladas no Brasil não figuram na primeira posição da lista dos setores que mais enviam remessas de lucros e dividendos ao exterior. A informação é do jornal Folha de São Paulo.

A liderança, que atingiu o ápice em 2008 ao chegar a R\$ 5,6 bilhões, foi alvo de críticas por um sinal de descompromisso com investimentos no país, tônica central do aperto nas regras ao setor adotadas pelo Governo.

Diante da necessidade de se posicionar melhor à concorrência, as montadoras reduziram pela metade o valor remetido às matrizes em 2012, atingindo R\$ 2,44 bilhões.

O recuo no volume de remessas

### Saiba mais

#### >> Negócio

Reinviar dividendos para o exterior é uma obrigação das empresas, que precisam dar satisfação aos seus investidores. É o que diz o presidente da Sobeet, Luís Afonso Lima. "Se as empresas não têm possibilidade de remunerar acionistas no exterior, a continuidade do negócio fica ameaçada".

sas foi generalizado. A soma dos recursos caiu cerca de 25% no ano passado por questões conjunturais, como a depreciação do câmbio e a desaceleração na atividade.

A indústria automotiva cha-

ma atenção pela intensidade da queda, de 56%, que fez o setor ser superado pelo grupo de bebidas, um dos poucos a apurar crescimento (27%) entre os dois anos.

Entre as hipóteses apontadas por especialistas para o avanço na categoria, estão uma ligação maior com a evolução da renda e a consolidação de compras de grupos brasileiros por estrangeiros.

#### REINVESTIMENTO

Já o recuo nas montadoras é associado à necessidade de reinvestimento no Brasil. Leticia Costa, professora do Insper e especialista no setor automotivo, acredita que as marcas já começaram a separar recursos para fazer frente às exigências do no-

### Em números



vo regime automotivo, que tem metas de nacionalização, engenharia e pesquisa.

A Associação das montadoras (Anfavea) prevê investimentos de R\$ 13,8 bilhões para o cumprimento das metas.

Os especialistas destacam também a dificuldade para alcançar rentabilidade em meio a um cenário de maiores competição e custos.

"A partir do segundo semestre de 2011, a rentabilidade começou a cair, mas os custos continuaram a crescer. O desafio da rentabilidade é uma realidade para todas as marcas", diz Stephan Kesse, da Roland Berger.

A tendência é que o volume de remessas do setor fique relativamente estável nos próximos anos. "Para se recuperar, o volume teria que crescer muito ou a rentabilidade se recuperar. Não vejo isso acontecer", diz Leticia.

Segundo o presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e Globalização Econômica (Sobeet), Luís Afonso Lima, o volume de remessas do Brasil, embora inferior ao resto do mundo, é um sinal de que o país tem apelo para atrair investimentos.

## Indústria enfrenta aumento de preços das matérias-primas

### ↘ Elevação dos preços decola nas cadeias produtivas

TEXTO Agência Estado

SAO PAULO

**O** ano começou com aumentos de preços não só para o consumidor, mas também com fortes pressões de custos em vários segmentos da indústria. Os reajustes incluem embalagens de papelão, entre 10% e 3,5%; aço, de 5% a 8%; resinas plásticas, entre 6% e 15%; cobre (4,5%) e náilon (5%), além do frete, pressionado recentemente pela alta do diesel e da entrada em vigor da 'lei do motorista', apontam os empresários da indústria.

O movimento de alta no custo dos insumos ganha força em várias cadeias de produção e deve ter reflexos mais nítidos nos pre-

ços dos bens duráveis, como geladeiras e carros. Isso pode ampliar as pressões inflacionárias ao longo do semestre e reduzir a contribuição dada pelos bens duráveis nos últimos anos para segurar a inflação. Tudo, sem considerar a volta da cobrança integral do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) desses

produtos, prevista para julho.

"A última alta expressiva dos bens duráveis no IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) foi em 2005, de 3,03%. Nos anos seguintes ocorreu deflação, exceto em 2010. Em 2012, os preços dos duráveis caíram 3,47%. Minha projeção para este ano é de uma elevação de 2%", prevê o economista da LCA Consultores, Fábio Romão. O preço do carro novo teve deflação por cinco anos seguidos, segundo dados do IPCA. A expectativa para este ano é de aumento de 3%.

As siderúrgicas sinalizaram aumentos nos preços do aço, insumo básico para a produção de vários bens duráveis. O setor de autopeças está sob pressão desde o início do ano. Fabricantes e distribuidores de aço pedem 8% de aumento.

"Há várias pressões de custos", afirma o presidente da Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos (Eletros), Lourival Kiçula. Além do aço, ele aponta aumentos de preços nas resinas, papelão, frete e o reajuste dos salários acima da inflação. "A boa notícia vem da redução da tarifa de energia. Mas ela representa entre 1% a 2% do custo de produção da indústria de linha branca", afirma Kiçula.

### OS NÚMEROS

# 10%

↘ **é o teto do reajuste** que os produtores de embalagem de papelão devem propor. Os produtores de cobre pedem 4,5% e os de náilon (5%).